

A SUCESSÃO DE ANGELA MERKEL

Ana Mónica Fonseca

Texto entregue em Setembro de 2019

ANGELA MERKEL OCUPA A CHANCELARIA FEDERAL e lidera o destino da Alemanha desde 2005, em sucessivos governos que passaram por coligações de várias composições. Entre 2005-2009, 2013-2017 e, novamente, no atual governo (até 2021), a União Democrata Cristã (*Christliche Demokratische Union, CDU*) governou em “Grande Coligação” com o principal partido da oposição, o Partido Social-Democrata alemão (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands, SPD*); no segundo governo que chefiou (2009-2013), Merkel foi a líder de uma coligação à direita, com os liberais do FDP (*Freie Demokratische Partei*).

Foi a liderança de Merkel que permitiu à CDU ocupar um lugar de destaque e, até podemos dizê-lo, de dominação do centro do espectro político alemão. E fê-lo através de duas estratégias muito bem-sucedidas: por um lado, conseguiu ocupar as áreas de intervenção daqueles que eram os seus tradicionais partidos de oposição, nomeadamente o SPD e os Verdes (*Die Grünen*), ao mesmo tempo que concretizou um processo de modernização da CDU no seio da sociedade alemã.

A estratégia política de Merkel

Chegando à Chancelaria federal em Novembro de 2005, Merkel conseguiu beneficiar das políticas de ajuste do estado social na Alemanha, levadas a cabo pelos governos anteriores do SPD em coligação com os Verdes e com o título abrangente de *Agenda 2010*. Estas medidas passaram essencialmente por um corte no sistema de apoios sociais, em várias áreas, desde pensões a subsídios de apoio social (desemprego, etc.), com vista a uma adaptação da sociedade alemã aos desafios globais que se estavam a aproximar, ao nível europeu e não só. Apesar de os primeiros anos da sua chancelaria ainda se pautarem por medidas de retração dos apoios sociais e uma menor presença do estado social, a verdade é que ao longo do tempo, Merkel conseguiu ir compensando alguns grupos sociais mais afetados pelas medidas da *Agenda 2010*, nomeadamente ao nível das pensões, e até reintroduziu novamente o salário mínimo, depois de um longo e intenso debate político. Do mesmo modo, a sua atuação na sequência da crise financeira internacional, e que passou por ‘salvar’ bancos alemães públicos e privados, para além de outras medidas de carácter pouco neoliberal, acabou por colocá-la inquestionavelmente como a força política dominante do centro político alemão.

Mas Merkel conseguiu também trabalhar para modernizar o conteúdo e o posicionamento da CDU em áreas socioculturais. A aceitação por parte do partido do casamento entre pessoas

do mesmo sexo, da expansão dos cuidados infantis e medidas de promoção da natalidade e do alargamento dos critérios de dupla nacionalidade para algumas categorias de migrantes aproximaram a CDU de um perfil mais liberal e até progressista¹. Foi esta adaptação que permitiu que a CDU de Angela Merkel fosse sempre saindo reforçada nas eleições federais, mesmo que esse reforço não se refletisse diretamente nas votações. Ou seja, apesar de ter sempre de partilhar o governo em coligações – algo que é intrínseco ao sistema político alemão – a União Democrata-Cristã de Merkel foi sempre assumindo o seu papel de líder incontestada de governo, enquanto os seus parceiros de coligação se iam ressentindo nas urnas.

“ (...) o governo de Angela Merkel tem servido de bastião das forças políticas tradicionais contra a ameaça das forças populistas. ”

Nestes catorze anos de liderança de Merkel, a sociedade alemã sofreu profundas mudanças. Por um lado, e como consequência simultânea, quer do impacto da já referida *Agenda 2010*, quer da crise económica e financeira, a desigualdade social no país aumentou a níveis até aí raramente observados. Esta desigualdade acabou por afastar muitos eleitores das urnas, sobretudo votantes no SPD, mas também na CDU. Mais recentemente, ficou claro que estes eleitores foram mobilizados para os partidos mais distantes do chamado “arco da governação”, quer à direita, quer à esquerda, que foram ganhando cada vez maior peso no *Bundestag*: a *Alternative für Deutschland, AfD*, de extrema-direita, e o *Die Linke*, à esquerda do espectro

político alemão. No entanto, o surgimento e reforço do papel destes partidos no novo cenário partidário alemão ganhou força com aquele que será certamente o momento-chave da Chancelaria de Merkel: a decisão de abertura das fronteiras alemãs à entrada de refugiados, o que fez que entre o outono de 2015 e a primavera de 2016, cerca de um milhão de pessoas entrassem na Alemanha.

Do ‘Wir schaffen das!’ – nós conseguimos fazer isto’ à demissão do cargo de líder da CDU.

Foi no final de Agosto de 2015 que a Chanceler Angela Merkel anunciou a sua decisão de permitir a entrada na Alemanha dos migrantes e refugiados que se acumulavam na Hungria. Esta foi uma decisão unilateral do executivo de Berlim, sem consultar com os partidos políticos representados no *Bundestag* nem com os seus parceiros europeus. Esta terá sido também, a decisão mais contraditória de Angela Merkel, sustentada com o famoso ‘Wir schaffen das!’ ou, ‘Nós conseguimos fazer isto!’, dito de forma convicta e apelando à união dos alemães em torno de uma questão eminentemente humanitária². Esta foi uma frase que acabaria por vir a ser usada pelos vários opositores de Merkel e, sobretudo, da sua política de abertura para com os migrantes.

A sua decisão de abertura das fronteiras transformou Angela Merkel numa das figuras políticas mais contestadas da Alemanha. Aquilo que parecia ser uma decisão de cariz humanitário e de emergência rapidamente se transformou na fonte de uma das principais cisões na sociedade alemã – e na própria CDU.

São vários os indicadores que demonstram que a decisão de abertura de fronteiras, que se acumulou com o sentimento de maior fragilidade social decorrente dos cortes nos apoios sociais, agravado com as consequências da crise financeira, foi determinante para a fragilidade da Chanceler. Se juntarmos a isto a cada vez maior

ANNEGRET KRAMP-KARRENBauer

AKK, como ficou conhecida, foi líder da CDU no pequeno estado do Sarre, onde serviu o governo do estado por mais de dezoito anos, primeiro como ministra em diversas pastas e entre 2011 e 2018 como líder do governo regional. Advogada de formação, é uma católica convicta que não evita algumas opiniões tradicionalmente conservadoras, entrando em choque com a tendência mais progressiva da Chanceler Merkel: é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo (lei aprovada pelo governo da CDU) e tem uma posição de maior cautela relativamente à questão da imigração. Foi chamada por Merkel para ser Secretária-Geral da CDU em Fevereiro de 2018, ocupando um dos principais cargos no partido. “Mini-Merkel”, como a imprensa alemã a identifica, foi desde logo vista como a mais provável sucessora da Chanceler. Participante ativa e determinante na construção do protocolo de governo (tendo continuado a trabalhar nas negociações com o SPD após um acidente de viação, enquanto estava no hospital), AKK decidiu não fazer parte do elenco governativo que tomou posse em março de 2018 para se dedicar inteiramente ao partido. Porém, com a saída de Ursula von der Leyen para a Comissão Europeia no verão de 2019, AKK decidiu assumir a pasta da Defesa em Julho de 2019, com vista a firmar a sua posição junto do eleitorado e a aumentar a sua popularidade.

atenção sobre os discursos anti-imigração da AfD e a própria divisão dentro da União Democrata Cristã, não é difícil concluir que a liderança de Merkel ficou indubitavelmente abalada com esta medida.

As derrotas eleitorais sucessivas da CDU nas eleições federais, que levaram a que a AfD se estabelecesse como força política representada em todos os estados federados, eram um mau prenúncio para o futuro político da chanceler. Os resultados das eleições federais de Setembro de 2017, em que a CDU obteve o resultado mais baixo de sempre do pós-II Guerra Mundial – incluindo das eleições em que tinha saído derrotada – e as longuíssimas negociações que se seguiram para a formação de governo, foram a gota de água para Merkel.

O resultado eleitoral alcançado pela CDU em Setembro de 2017 indicava que seria a Chanceler Merkel a liderar as conversações para a formação de um novo governo, sob a sua liderança. No entanto, os cerca de 30% que a União Democrata Cristã recolheu representaram o pior resultado eleitoral de sempre. Os seus parceiros de coligação, o SPD, alcançaram o mínimo de 20%. O parlamento federal resultante destas eleições, em funções em princípio até 2021, elenca sete partidos políticos. Para além da CDU (246 deputados) e do SPD (152 eleitos), estão representados a AfD com 91 Deputados; o FDP, com 80 representantes eleitos; e Die Linke e os Verdes / Aliança 90, com cerca de 69 e 67 deputados respectivamente³. Pela primeira vez na história do pós-II Guerra Mundial, sete partidos políticos têm assento parlamentar no *Bundestag*.

Com esta configuração parlamentar tão fragmentada, e depois da recusa inicial do SPD em fazer novamente parte de uma ‘Grande Coligação’, um novo governo federal tomou posse em Março de 2018, seis meses depois das eleições. Apesar das reticências iniciais, o SPD juntou-se à CDU (e à correspondente bávara desta, a CSU – *Christliche Sozial Union*) para formar o quarto governo com a liderança de Merkel.

Desde então a situação tem-se agravado para a Chanceler. As derrotas sucessivas nas eleições federais levaram a que, em Outubro de 2018, anunciasse publicamente a sua demissão do cargo de secretária geral da CDU, ao mesmo tempo que anunciou também que este seria o seu último mandato como Chanceler Federal.

A sucessora escolhida: Annegret Kramp-Karrenbauer

Em Dezembro de 2018, na cidade de Hamburgo, reuniu-se o Congresso da CDU onde seria escolhida a nova líder do partido. Os três candidatos apresentados representavam respetivamente três tendências dentro do partido. A candidata apoiada pela Chanceler, Annegret Kramp-Karrenbauer (ou AKK, como é conhecida e referida pela imprensa alemã) trazia como credenciais uma tendência centrista, apesar de eventualmente mais conservadora que a própria Merkel, e a liderança do único estado federado onde a CDU havia vencido eleições, o Sarre.

Friedrich Merz, um antigo candidato à liderança derrotado por Merkel, é visto como um neoliberal defensor da desregulação total. O terceiro candidato, o atual ministro da saúde, é Jens Spahn, um conservador moderado.

“Foi a liderança de Merkel que permitiu à CDU ocupar um lugar de (...) dominação do centro do espectro político alemão.”

As eleições em 2018 foram renhidas. AKK venceu com apenas 51% dos votos, derrotando Merz na segunda volta. Apesar da esperança na renovação da liderança da União, AKK não conseguiu melhorar o registo alcançado por Merkel. Nas eleições europeias de Maio de 2019 e nas três eleições de estados federados que decorreram ao longo deste ano, a CDU continuou a descer, chegando ao valor mínimo de 23% nas eleições europeias. Ficou claro que não se tratava apenas de um cansaço da figura e da liderança de Angela Merkel que estava a penalizar o partido. Há uma verdadeira necessidade de renovação no discurso e no posicionamento do partido, que deverá procurar recuperar um espaço que começa a ser tomado pela AfD: captar o voto dos eleitores mais conservadores, mas não perdendo as suas características sociais e europeístas. Aliás, isto é algo comum também ao SPD, que teve uma derrota ainda mais assinalável, chegando aos 16% nas europeias.

Expectativas para o futuro: AKK e o dilema da Democracia-Cristã

Os resultados das europeias levaram a um ceticismo mais aceso relativamente à liderança de AKK. Agora a discussão está em torno de quem será o candidato da CDU à chancelaria. No congresso realizado em Leipzig no final de Novembro de 2019, Annegret Kramp-Karrenbauer saiu reforçada. A líder demorada-cristã (e, desde junho, Ministra da Defesa do governo federal) tomou uma posição firme e afirmou claramente: se não tivesse o apoio claro do partido, estaria disposta a terminar ali o seu mandato⁴.

Tal não aconteceu, mas acabou por ficar em aberto qual a escolha da CDU em termos de candidato a Chanceler. Não se trata apenas de suceder a Angela Merkel, depois de 18 anos de liderança dos destinos da Alemanha. Quem for o próximo Chanceler federal terá de lidar com uma nova realidade política e terá de conseguir levar o partido por terrenos cada vez mais inóspitos para os tradicionais partidos políticos.

A fragmentação da sociedade alemã, a cada vez maior dificuldade em cativar o eleitorado tradicional – ao mesmo tempo que é cada vez mais difícil definir o que é o “centro” político da sociedade – tornam os próximos anos bastante desafiantes. Neste final de 2019, ambos os

partidos da Grande Coligação estão com as suas lideranças em disputa. A acrescentar a isto, é por esta altura, a meio do mandato governativo, que quer o SPD quer a CDU reavaliarão a sua prestação e a continuidade da coligação governamental, o que pode levar a que sejam convocadas eleições antecipadas. É difícil que assim aconteça – na verdade, poderia ser uma opção calamitosa para ambos os partidos, uma vez que ambos estão a descer nas sondagens a todos os níveis (liderança, prestação internacional e políticas internas), sendo ultrapassados nas intenções de voto pelos Verdes e, mais alarmante ainda, pela AfD.

A CDU foi o partido responsável pelo governo da Alemanha durante mais tempo desde 1945 e tornou-se um elemento central para a estabilidade e desenvolvimento económico do país. Nos últimos tempos, o governo de Angela Merkel tem servido de bastião das forças políticas tradicionais contra a ameaça das forças populistas de extrema direita, de movimentos racistas e misóginos que vão surgindo por toda a Europa. Esperemos que AKK consiga fazer mais e melhor que a sua antecessora. ■

Notas

¹ DOSTAL, Jörg Michael (2019), “From Merkel to Kramp-Karrenbauer: Can German Christian Democracy Reinvent Itself?”, *The Political Quarterly*, 90: 286-296. doi:10.1111/1467-923X.12680.

² Delcker, Janosch, “The phrase that haunts Angela Merkel. A year on and the German leader hasn’t recovered from ‘we can do it.’”, *Politico*, 8/19/16, (Updated 8/23/16, 10:07 AM CET), Disponível em <https://www.politico.eu/article/the-phrase-that-haunts-angela-merkel/> (consultado a 22 de Novembro de 2019).

³ Informação do Parlamento Federal alemão. Disponível em <https://www.bundestag.de/en/parliament/plenary/distributionofseats> (consultado a 24 de Novembro de 2019).

⁴ “Angela Merkel’s conservatives show unity at German CDU conference”, *Deutsche Welle*, disponível em <https://www.dw.com/en/angela-merkels-conservatives-show-unity-at-german-cdu-conference/a-51375080> (consultado a 25 de Novembro de 2019).